ELIDA STAROSTA TESSLER

ARTE E PSICANÁLISE: ENCONTRO MARCADO POR UMA ILUSÃO

Existem muitas conceituações de arte, assim como existem várias teorias da arte. Minha preocupação reside em conhecê-las e saber da possibilidade de sua aplicação no estudo crítico de fatos artísticos.

A arte tem em si um conteúdo expressivo, através do trabalho do artista. Para a compreensão deste conteúdo, associado intimamente a obra e ao contexto em que esta está inserida, se constitui em objeto de estudo das diferentes linhas teóricas. Uma delas é a teoria psicanalítica da arte.

Ainda me aproximando do terreno teórico em geral procurei o esclarecimento de alguns conceitos nas idéias de Gaston Bachelard, já que ele é um dos pensadores dedicados à revisão, clarificação e correção de conceitos, "numa interminável aventura", como diz José Américo Motta Pessanha, autor da introdução da obra "O Direito de Sonhar" de Gaston Bachelard.

A questão que levanto é a seguinte: A teoria psicanalítica, tal como foi formulada por Freud, pode ou pretende servir de suporte para análise da arte?

Sabemos que após Freud muitos aspectos da psicanálise foram desenvolvidos ou tomaram caminhos bastante diversos.

A idéia que pretendo desenvolver é a de que a psicanálise analisa

um discurso. Para que ela possa servir à teoria da arte, teríamos que situar a bifurcação do pensamento em imagem e conceito (palavra), ou seja, as cadeias significantes que articulam o discurso.

À procura de Bachelard

Em estudos anteriores, deparei-me com a questão da imagem, não somente no campo das artes plásticas, mas em todos os terrenos que envolvem o registro do olhar. Instigada com a possibilidade da imagem ser tanto percebida como produzida, relacionei-a com o problema da ilusão. O que vem a ser a verdade de uma imagem? Sendo o olho o primeiro aparelho de coordenação do espaço é o primeiro aparelho de controle, de conexão e de contato do homem com o mundo exterior. Segundo Jacques Lacan, psicanalista francês, que procurou resgatar os fundamentos epistemológicos de Freud, o olho se acha na base de toda identificação, que necessariamente sempre supõe a presença do outro, pois o olho se olha no olho que o olha. O registro do imaginário está marcado pela presença da relação da imagem do semelhante.

Sem pretender descrever todo o processo que atua nessa relação, gostaria de, pelo menos, destacar a idéia chave na qual vejo possibilidade de desenvolvimento de uma hipótese em relação ao campo artístico, que é a de que a ilusão tem seu nível de realidade, que é a verdade do inconsciente, e que a formação deste tem uma ordem de realidade indissociável da ordem social.

As idéias de Bachelard propõem um contínuo movimento nos diversos campos de investigação, através da destruição de velhas concepções, construções e reconstruções de conceitos, para que sempre surjam novas soluções para os problemas. Diz José Américo Motta Pessanha que, para Bachelard, a história das idéias não se faz por evolução ou continuismo, mas através de rupturas, revoluções, cortes epistemológicos.

Apesar de fazer severas críticas a Freud, Bergson e Sartre, Bachelard usa de forma bastante pessoal noções como "psicanálise", "fenomenologia", "dialética" e "materialismo". Ele fala da necessidade de uma psicanálise da razão e do discurso científico, já que a linguagem científica abriga a imprecisão e as ciladas das metáforas.

Encontra-se aqui uma primeira concepção dialética de seu pensamento. Ao mesmo tempo que afirma que o espírito científico deve lutar contra as imagens, contra as analogias, contra as metáforas, ele mesmo se sente

fascinado por elas e diz: "Não se pode confinar as metáforas, tão facilmente quanto se pretende, apenas no reino da expressão. Quer se queira ou não, as metáforas seduzem a razão" (PESSANHA, 1984).

Chama-me bastante a atenção o fato de Bachelard partir para uma investigação sobre a origem e os níveis de conhecimento através do enfoque estético, pois ele recorre à imagens literárias e obras de arte. Para ele, a imagem é apreendida como acontecimento objetivo, integrante de uma imagética, evento de linguagem.

Bachelard faz uma contraposição entre imaginação formal e imaginação material, formulando uma crítica ao "vício da ocularidade" característica, segundo ele, da filosofia ocidental. Ao contrário de situar o homem como espectador passivo do mundo, ele prefere colocá-lo em posição de obreiro, aquele que intervém, manipula, modifica o mundo. Segundo Bachelard "A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassem a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade" (BACHELARD, 1985).

Bachelard critica severamente o empirismo. Para ele, as regiões do saber científico são determinadas pela reflexão, e não pela leitura através, e simplesmente, dos sentidos. Quase todo o trabalho de Bachelard dá-se na crítica aos pensadores dos Séc. XVII e XVIII, desenvolvendo um estudo criterioso e sismético da construção do conhecimento. Na seguinte passagem podemos perceber o essencial de sua crítica.

"Agora, são os objetos que são representados por metáforas, é a sua organização que passa por realidade. Por outras palavras, o que é hipotético agora é o nosso fenômeno, porque a nossa captação imediata do real não atua senão como um dado confuso, provisório, convencional e esta captação fenomenológica exige inventário e classificação. Por outro lado, é a reflexão que dará um sentido ao fenômeno inicial surgindo uma seqüência orgânica de pesquisas, uma perspectiva racional de experiências. Não podemos ter a priori nenhuma confiança na informação que o dado imediato pretende fornecer-nos. Não é um juiz nem sequer uma testemunha: é um réu e um réu que acabamos de convencer do engano. O conhecimento científico é sempre a reforma de uma ilusão" (BACHELARD, 1971).

A proposta de Bachelard para uma filosofia científica consiste na renúncia ao real imediato e na ajuda à ciência na sua luta contra as intuições

primeiras. Diz ele que as fronteiras opressoras são as fronteiras ilusórias.

"O espírito científico é essencialmente uma retificação do saber, um alargamento dos quadros do conhecimento. Julga o seu passado histórico, condenando-o. A sua estrutura é a consciência dos seus erros históricos. Cientificamente, considera-se o verdadeiro como retificação histórica de um longo erro, considera-se a experiência como retificação de uma ilusão comum e inicial. Toda a vida intelectual da ciência se joga dialeticamente nesta diferencial do conhecimento, na fronteira do desconhecido. A própria essência da reflexão é compreender que não se tinha compreendido" (BACHELARD, 1971).

Neste primeiro momento, a minha busca à Bachelard tem uma parada. Não é objetivo deste trabalho chegar às últimas consequências do pensamento e do posicionamento da filosofia do conhecimento científico, caracterizado como aberta, onde a experiência nova diz não à experiência antiga. O que me basta é saber da necessidade de um espírito dialético, em seja qual for a análise e consciência de um fato.

Bachelard e as artes

Bachelard, ao longo da primeira parte do seu livro "O Direito de Sonhar", dedicada às ARTES, desenvolve seu pensamento acerca do devaneio e compara o quadro (imagem) ao sonho (também imagem). À essas duas maneiras de se deixar levar pelo devaneio, Bachelard contrapõe a palavra (conceito), deixando claro que são formas diferentes de se compreender o sentido de uma idéia.

No capítulo que me detive em analisar, sob o título de "Introdução à Bíblia de Chagall", Bachelard escreve dando a entender que está olhando as reproduções das obras de Chagall, as quais ele descreve e interpreta. Penso que, com isto, Bachelard reforça a idéia da diferença entre olhar uma imagem e falar (escrever) sobre ela e que a união dessas duas formas de perceber algo pode nos levar a compreender o objeto de uma expressão.

Em toda a sua análise de Chagall, Bachelard detém-se nas imagens que ele vê, mas reporta-se a outros fatos, a outras leituras e mesmo a conhecimentos anteriores para elaborar suas afirmações. Esta situação é um pouco contrária a outro posicionamento que ele havia tomado, que se dizia em ruptura com a psicanálise.

Bachelard afirma que, por uma fatalidade de método, o psicanalista intelectualiza a imagem "sob a imagem a psicanálise procura a realidade, esquece a pesquisa inversa sobre a realidade buscar a positividade da imagem".

"A procura de causas e antecedentes para a imagem, tão cara a psicólogos e psicanalistas, deixa escapar o ser mesmo da imagem e não explica os seus aspectos fundamentais, pois as causas alegadas pelo psicólogo e pelo psicanalista não podem jamais explicar bem o caráter realmente inesperado da imagem nova, como também não explicam a adesão que ela suscita numa alma estranha ao processo de sua criação" (BACHELARD, 1985).

Penso ser esta "psicanálise" de que ele aqui fala um dos desvios dos elementos fundamentais da psicanálise freudiana, que é a que não se contenta em definir as imagens por seu simbolismo¹, e sim o discurso que pode advir dela.

Porém o próprio Bachelard coloca a obra de arte como um discurso. Diz ele:

"Uma única pintura põe-se a falar infundavelmente. As cores tornam-se palavras. Que ama a pintura bem sabe que a pintura é uma fonte de palavras, uma fonte de poemas. Aquele que sonha diante da prancha do paraíso ouve um concerto de louvações" (BACHELARD, 1985).

As obras que Bachelard analisa e/ou descreve são todas sobre temas bíblicos. Talvez esse dado não nos permita saber da totalidade do pensamento do filósofo em relação às artes plásticas em geral, pois aqui a situação parece recair num álbum de ilustrações. Mas seja do modo que for, podemos verificar que Bachelard não deixa, em nenhum momento de associar as imagens à palavras. Ele diz que o desenho concentra todos os comentários do psicólogo

"as palavras vêm aos lábios de quem quer que sonhe sobre o quadro. Vemos a tentação, logo a dizemos - mas cada qual a sua maneira. Existem, desse modo, sonhadores que encontram vozes sedutoras para ajudar a serpente. Chagall deu-nos uma cena falante. De tanto seguir seu lápis, eis-nos numa certa medida atores nesse grande drama da tentação" (BACHELARD, 1985).

Bachelard e a psicanálise

Gostaria de complementar o trabalho desenvolvendo um pouco a hipótese de que a psicanálise não pode ser suporte de uma teoria da arte com a finalidade de uma análise crítica da obra de arte, mas tem elementos que permitem uma elaboração do fato artístico como integrante de uma realidade social.

Bachelard critica a psicanálise mas fez uso constante dela em seu próprio discurso.

Utiliza conceitos como imagem, ilusão, inconsciente, imaginário. Apesar de não querer explicar a flor pelo estrume, Bachelard também demonstra sua preocupação em compreender a obra quase como quem estuda um assunto. Para realmente ver a obra de Chagall, Bachelard declara ter lido várias vezes capítulos da Bíblia, isto é, usa de outros recursos que não só o instante do olhar o quadro, a imagem nela mesma e daí partir para devaneios.

"Tendo relido os quatro capítulos da Bíblia para situar bem os desenhos de Chagall, volto a contemplar o rosto de Jonas. Não sei se este rosto traz o testemunho das proezas do náufrago. Mas ele me fala, ele me olha" (BACHELARD, 1985).

Podemos perceber algumas similaridades entre o pensamento de Bachelard, Merleau-Ponty e Jacques Lacan. Ainda sem poder aprofundar muito o ponto de vista teórico de cada um, gostaria de situar a questão do olhar, na proposta de análise da obra de arte, segundo suportes da teoria psicanalítica.

Bachelard não se coloca como espectador da obra. Ele não somente olha o quadro como também se deixa ser olhado por ele:

"Cabe a nós, sonhadores, falar esses quadros. Mas então, que triunfo para uma psicologia do desenho, para esta arte de apreender os instantes decisivos de toda uma vida, os instantes em que se formula um destino. Quanto a mim, descubro aí que um grande pintor pode ser um hipnotizador. O olhar de Mardaqueeu me hipnotiza. A tragédia desenhada por Chagall é uma tragédia do olhar. Se Mardaqueeu não tivesse tido um olhar tão negro, a história do mundo teria sido diferente" (BACHELARD, 1985).

Poderíamos pensar, no entanto, que é a história do próprio Bachelard que teria sido diferente, já que é o seu imaginário que delega o poder

à imagem.

Jacques Lacan tem dois capítulos em seus seminários dedicados à função do quadro, localizando na pintura características inerentes do homem de se reconhecer em algo externo a ele e portanto, incluir-se no social.

Lacan alude que este estudo não vale para se fazer psicanálise do pintor ou crítica de pintura. Coerentemente ele fala dos perigos que poderia haver neste tipo de apreciações. Sua tese é a de que o quadro torna-se lugar onde é permitido depositar o olhar. Diz inclusive que o quadro convida o olhar.

Lacan também defende o ponto de vista de que "Freud não pretendia destacar o que, da criação artística, constituía o verdadeiro valor" (LACAN, 1979).

A partir do imaginário de quem olha, isto é, de quem deposita o olhar no quadro "como quem deposita armas" (LACAN, 1979) ele aparece como sendo coisa diferente daquilo pelo que ele se dava, ou melhor, "ele se dá agora como sendo uma outra coisa". Outra coisa que, concluindo, é o imaginário do espectador.

Uma das contribuições mais fecundas de Jacques Lacan à psicanálise é a concepção da "Etapa do Espelho". O estudo do Narcisismo, da teoria freudiana, parece ter sido o ponto de partida de Lacan. Não poderei descrever ou aprofundar estas duas teorias mas pretendo, através delas, chegar a uma conclusão no problema do olhar, na psicanálise, como instrumento de identificação e inserção de sujeito no social.

A "Etapa do Espelho" fornece o princípio de distinção entre o imaginário e o simbólico, num momento de intuição. Assim como para a criança é necessário um reconhecimento de si em sua própria imagem mas, principalmente, o reconhecimento de sua imagem através do olhar de outro, todos os homens procuram imagens referenciais que permitam sua identificação. A apresentação da Etapa do Espelho nos diz que a identificação é a transformação produzida no sujeito quando este assume uma imagem.

Poderíamos pensar que Bachelard, ao colocar-se diante dos quadros de Chagall, estaria procurando, como diante de um espelho, se reconhecer nas imagens pintadas por Chagall, retirando delas aspectos que permitissem associar livremente, entrar em devaneio, como ele próprio denomina essa livre associação de idéias.

Arte e psicanálise

Toda a busca de informações, leituras e elaboração de idéias leva-me a um auto-credenciamento na formulação de uma conclusão, sem pretender dar uma resposta ao problema que continua bastante complexo, este da possibilidade da psicanálise ser suporte teórico da análise da arte. Permito-me fazer algumas ligações básicas que pincelam o centro da questão.

Procurei em Bachelard esclarecimentos quanto a suportes teóricos em geral. Encontrei nele uma visão da teoria psicanalítica bastante dialética, mas que ia ao encontro de alguns pressupostos, cujo reconhecimento e aplicação estão em constante estudo e desenvolvimento.

O que vale constatar é que a psicanálise tem como objeto um discurso. A OBRA DE ARTE NÃO É UM DISCURSO EM SI MESMA. Ela pode servir de "espelho", de anteparo do discurso de um outro. É preciso levar em conta que não é necessariamente, o discurso do artista. É, na maioria das vezes, o discurso do espectador. Ampliando ainda essa idéia a obra é, por fim, um discurso social.

É neste ponto que antevejo a possibilidade de relação entre arte e psicanálise, não como uma teoria de análise da obra, mas como uma riqueza de fundamentos para a compreensão do fato artístico em determinado contexto histórico-social: por isto, a necessidade da união de outras teorias para uma abordagem mais significativa.

Se o obra de arte alude ao aspecto da ilusão, e se nesta está incluída a verdade do inconsciente, podemos fazer um esforço para colocar a imagem (apreendida como evento objetivo, integrante de uma imagética, evento de linguagem, como diz Bachelard), como objeto da psicanálise e enriquecer a análise da arte, sempre levando em consideração outras teorias da arte.

Acredito, pois, que a psicanálise como teoria em si, não pretende analisar a arte. É certo que utilizou a arte para tentar pensar e interrogar a cultura, mas com isso só desenvolveu seus estudos e hipóteses no tratamento de discursos do homem.

A arte possui uma linguagem própria. O homem tem necessidade de identificar-se com o que está a sua volta e com outros seres humanos, assumindo assim, o seu papel social. A arte, como linguagem, possui caracte-

rísticas especiais, sendo expressão dialética de seu período histórico (contendo em si os elementos contraditórios deste período) conservando a peculiaridade de não ser apenas reflexo de determinada situação mas, um pouco mais além, servir como possibilidade de conhecimento e transformação da realidade.

A arte não tem como objetivo ser decifrada ou interpretada e sim compreendida em seu próprio conteúdo expressivo.

NOTA:

1) Muitos são os desvios e deturpações que tomaram conta da psicanálise. Entre eles podemos encontrar a psicanálise dita "psicologia do Ego" que teve seu florescimento sobretudo nos EUA, onde o imperativo da "American Way of Life" produziu uma teoria do ego autônomo e maduro, da adaptação do sujeito a realidade, contrariando, desta forma, todo o desenvolvimento freudiano; e também a psicanálise kleiniana que centrou muito de sua teoria nas fases instintuais da libido, levando muitos adeptos desta escola a esquecer o discurso do sujeito, tendo desenvolvido, em consequência, uma certa leitura universalizante e reducionista da interpretação, ou seja, charuto significa o falo, um barco o corpo materno, etc... É esta escola a responsável no momento pela maioria das tentativas de interpretação dos fenômenos do mundo: sociais, artísticos, literários. Tal furor interpretante tem chegado ao ridículo, senão ao trágico de associar o movimento de maio de 68 em Paris a uma revolta contra os pais. Colocando em jogo o puro imaginário daquele que interpreta, imaginário que escondido numa pretensa realidade e significado do fato, se pretende digno de alguma verdade; desconhecendo a especificidade de outros campos de conhecimento e os limites de seu domínio.

Ora, é esta a psicanálise? Não será esta a "psicanálise" a qual se refere Bachelard? Os psicanalistas desta escola afirmam que se baseiam exclusivamente nos textos de Freud. Muito bem,... mas basta fazer uma leitura mais cautelosa e rigorosa de Freud para ver o quanto a teoria dos instintos tem papel secundário em sua obra, o quanto não se deve interpretar fora do discurso e sem as associações aquele que fala, o quanto seu trabalho evoluiu teoricamente, o quanto seus escritos finais reformulam questões colocadas anteriormente.

Aí parece residir a importância do trabalho de Jacques Lacan, que na busca epistemológica dos conceitos fundamentais delineados por Freud, vem tirar a psicanálise do obscurantismo que se encontrava. Lacan justamente vem alertar para o perigo deste "furor interpretante" que acredita desvendar verdades escondidas.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. *A Epistemologia*. Lisboa : Edições 70, 1971.
- _____. *O Direito de sonhar*. São Paulo : Difel, 1985.
- LACAN, Jacques. O Estágio do espelho como formador da função do eu. In: *O Sujeito, o corpo e a letra*. Lisboa : Arcádia, 1976.
- _____. *Seminário 11 : os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro : Zahar, 1979.
- MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa : Dom Quixote, 1978.
- PESSANHA, José Américo Motta. Bachelard vida e obra. In: BACHELARD, Gaston. *A Filosofia do não ; O Novo espírito científico ; A Poética do espaço*. São Paulo : Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores)

ELIDA STAROSTA TESSLER - Graduada em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UFRGS; Mestre e doutoranda em História da Arte pela Universidade de Paris I - Panthéon - Sorbonne, França.